



CARTILHA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



GINGA



CARTILHA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

GINGA

Instituto
AGÔ



Por uma educação antirracista dentro e fora da sala de aula.

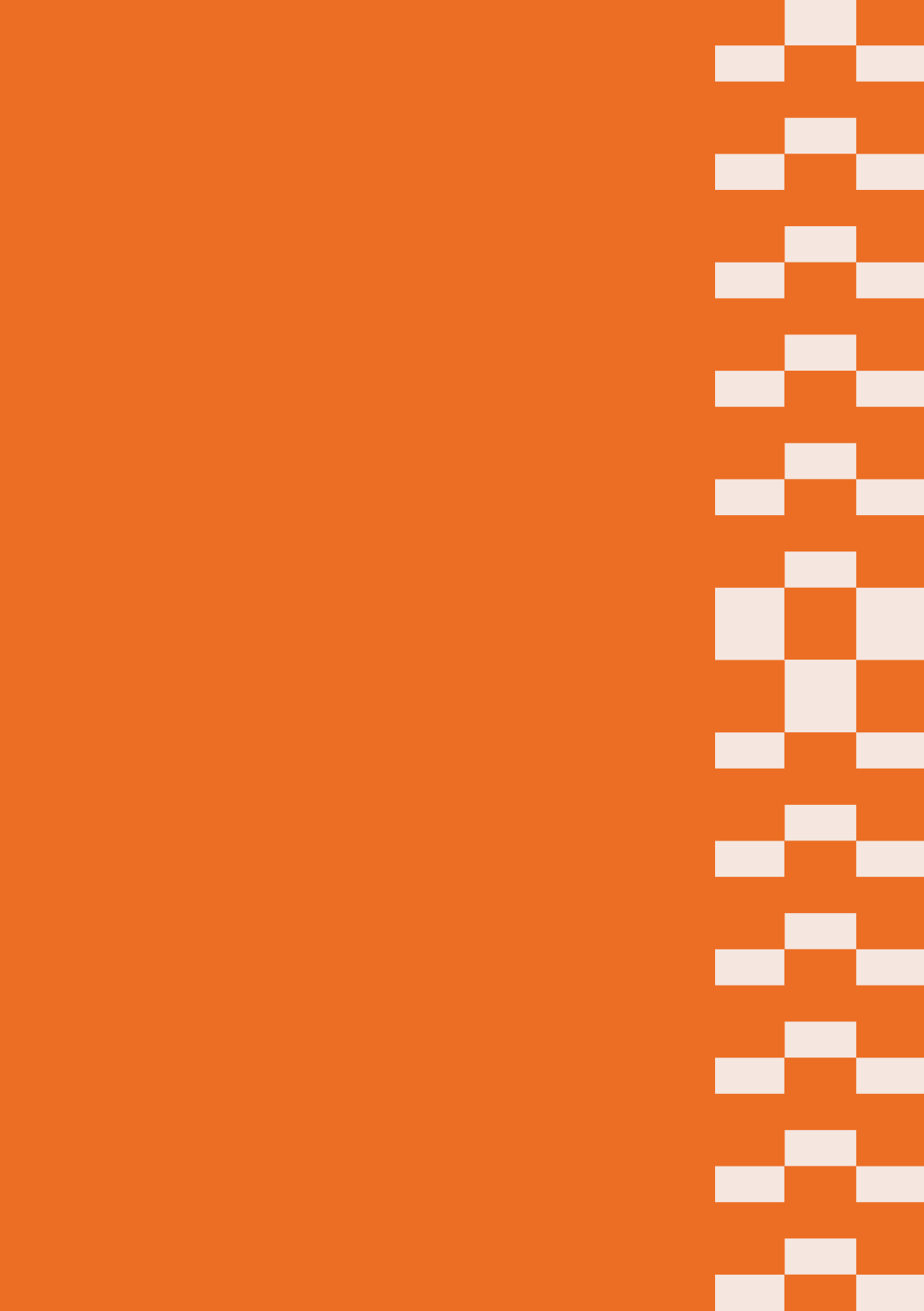
Você sabia que o racismo é uma ideologia construída historicamente e atualizada no cotidiano?

Pois bem, este é o mote desta conversa que iniciamos por aqui e que gostaríamos que levasse consigo sempre. O sistema ideológico recebe o nome de racismo estrutural e trata-se da pactuação de uma série de práticas institucionais, culturais, históricas e interpessoais numa sociedade que constantemente possibilita a um grupo social ou étnico uma posição melhor para obter sucesso. Num contraponto, prejudica outros grupos de modo consciente, consistente e constante provocando desigualdades que se desenvolvem, ao longo de um período, causando profundos danos à sociedade.

Construímos uma cartilha que vai ajudar você a identificar e a desconstruir algumas posturas racistas e a desenvolver, educadora e educador, um senso crítico mais apurado para evitar que caia nas armadilhas do racismo estrutural contribuindo com a produção de ações educativas e pedagógicas antirracistas que possam e devem ser desenvolvidas em sala de aula, transformando resultados e indicadores educacionais. Nos contextos da vida em sociedade. Não raras vezes, as pessoas os repetem sem que reflitam sobre sua origem ou real significado, mas a Educação deve exercer seu papel de atuar na luta antirracista contribuindo com tal reflexão, uma vez que se pauta por construir um mundo melhor para vivermos. Dentre os aparentes elogios, descuidos, apelidos, mazelas, sutilezas, falsas brincadeiras e muitos mal-entendidos, a violência simbólica, que se ancora semanticamente no processo escravocrata, ampliando-se quando expressões como estas são repetidas. Logo, não contribua com seu uso e corte a corrente dessa violência!

A revelação da origem racista que existe por trás das expressões, termos e signos pejorativos, racistas e discriminatórios não acaba com o racismo em si, mas, ao propor o que aqui fazemos, iniciamos um processo de rompimento e de desnaturalização das práticas advindas desta ideologia. Rever o discurso usado diuturnamente é um dos caminhos possíveis para uma educação antirracista e de mudança do imaginário social sobre o papel da comunidade negra na constituição e na construção do país.

Uma educação exclusivamente voltada para o aprendizado da técnica, pautada pela apropriação dos conhecimentos técnico-científicos ou para a “formação da consciência” apenas pouco contribui para o desenvolvimento do sentido de humanidade, conforme preconiza Adorno (1995) em seus escritos sobre educação. Há que se propiciar uma experiência formativa voltada para a emancipação da humanidade do jugo de uma razão tecnicista e instrumental. Repensar o currículo, neste sentido, pressupõe trazer às(aos) docentes experiências de práticas educativas emancipadoras, ativas, que auxiliem a escola e as/os docentes no movimento de repensar o seu papel profissional e, principalmente, as práticas educacionais desenvolvidas.





ESCREVIVÊNCIA

Escrevivência é um neologismo criado pela escritora e teórica brasileira Conceição Evaristo. O termo funde as ações de escrever, viver e se ver. Não se trata apenas de “escrever sobre a própria vida”, no sentido de uma autobiografia clássica, mas de uma escrita que nasce do cotidiano, das memórias e das experiências de um corpo específico: o corpo da mulher negra brasileira.

Historicamente, a mulher negra foi relegada ao lugar de “mãe preta” (ama de leite), aquela que conta histórias para ninar os filhos da casa grande. Na escrevivência, essa mulher toma a pena para contar sua própria história, não mais para adormecer os senhores, mas para incomodá-los e acordá-los de seus “sonos injustos”.

A escrita passa a ser um ato de insubmissão, de quem foi, historicamente, silenciada. A narrativa pessoal na escrevivência nunca é isolada; ela carrega a história de uma coletividade. Quando a autora diz “eu”, ela evoca as vozes de seus ancestrais e de sua comunidade contemporânea. A escrevivência é a escrita de autoria negra feminina, que borra as fronteiras entre ficção e realidade, transformando a vivência (individual e coletiva) em ato político e literário de afirmação.

Educação para as Relações Étnico-Raciais.

SULEAR

Sulear é um neologismo físico, geográfico e político, utilizado para desafiar a lógica eurocêntrica de orientação. Ele surge como um contraponto direto ao verbo “nortear”.

A ciência convencional ensina que o norte está “em cima”. Sulear lembra que, no espaço sideral, não existe “em cima” ou “embaixo”. Colocar o Norte no topo dos mapas foi uma convenção política dos cartógrafos europeus. Sulear é virar o mapa de cabeça para baixo.

Sulear propõe que nós, habitantes do hemisfério Sul, paremos de buscar referências (o “norte”) fora de nossa realidade. É o ato de orientar-se a partir de onde se pisa, valorizando as referências locais, indígenas, africanas e latino-americanas. O conceito dialoga com a ideia de que o Sul Global não é apenas um lugar geográfico de exploração, mas um lugar de produção de conhecimento válido, ciência e filosofia.

O criador do neologismo foi o físico e astrônomo brasileiro Márcio D’Onle, mas o termo se transformou em uma categoria pedagógica para a autonomia do pensamento latino-americano a partir das últimas obras de Paulo Freire.

PROTAGONISMO NEGRO

O protagonismo negro é o exercício de autonomia, liderança e autodefinição por parte de pessoas negras. É a passagem da condição de “objeto de estudo” ou “coadjuvante social” para a condição de sujeito ativo da história.

Enquanto a representatividade foca na presença (ver corpos negros em comerciais, filmes ou cargos), o protagonismo foca no poder (quem escreve o roteiro, quem toma a decisão, quem detém a narrativa).

Protagonismo negro é a recusa do silenciamento e da subalternidade. É a reivindicação da humanidade plena, a fim de que a pessoa negra seja a narradora central de sua própria existência e agente transformadora da sociedade.

TERMINOS PARA SEREM ABOLIDOS DO NOSSO VOCABULÁRIO

1- Samba do crioulo doido

A expressão surgiu em 1966, criada pelo escritor e humorista Sérgio Porto (sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta). Foi o título de um samba composto para o espetáculo musical Pobre Menina Rica.

Durante a Ditadura Militar, o governo passou a exigir que os enredos das escolas de samba tratassem obrigatoriamente de temas da história oficial do Brasil. Para burlar a censura ou cumprir a burocracia sem critério, muitos compositores acabavam misturando fatos históricos sem nexo.

Embora a origem tenha sido uma sátira política, o uso da expressão no cotidiano passou a ser questionado por movimentos negros e linguistas contemporâneos por reforçar estereótipos negativos. Originalmente, era uma crítica à história oficial contada de forma confusa. Hoje, é lida como uma expressão do racismo estrutural que utiliza o corpo negro como metáfora para a bagunça ou a loucura.

2- Estampa étnica

O termo estampa étnica é amplamente utilizado na moda e no design, mas, assim como os conceitos anteriores que discutimos, carrega uma carga política e histórica importante. Na perspectiva do protagonismo negro e do suleir, o uso genérico desse termo tem sido criticado e ressignificado.

Tradicionalmente, o mercado de moda chama de “étnico” tudo o que não é de origem eurocêntrica. Portanto, quando o desenho traz elementos das culturas de África ou de outra parte do mundo considerada exótica segundo essa visão, torna-se étnica. Isso inclui padrões de matrizes africanas, indígenas, asiáticas ou pré-colombianas. O mais adequado, de acordo com uma visão de protagonismo, é nomear a origem específica da estampa. Não é

“étnico”, é design africano, grafismo indígena, tecelagem andina etc.

Precisamos ter cuidado, pois o desejo de dar destaque, de maneira generalizada, discrimina negativamente. Em se tratando de estilo, estética e moda, os países africanos, historicamente, sempre foram a vanguarda e criaram tendências que merecem ser nomeadas.

3- A dar com pau

A expressão “a dar com pau”, comumente usada para denotar grande quantidade, é hoje alvo de revisão crítica por sua origem traumática. Assim como outras expressões do racismo linguístico, ela remonta ao sistema de tortura dos navios tumbeiros durante o tráfico transatlântico.

Naquele contexto, a greve de fome era uma das principais formas de insurgência dos africanos sequestrados. Para neutralizar essa resistência e preservar o valor comercial dos corpos, tripulantes utilizavam artefatos de madeira ou ferro para forçar a alimentação. Portanto, o “dar com pau” refere-se ao ato de alimentar por meio da violência, transformando um símbolo de tortura em uma metáfora cotidiana de fartura — um apagamento histórico que o letramento racial busca corrigir.

Para substituir o termo “a dar com pau”, o ideal é escolher expressões que mantenham a ideia de intensidade ou abundância, mas que não carreguem o peso histórico da violência colonial.

4- Denegrir

O termo “denegrir” é um dos exemplos mais latentes do racismo impregnado na língua portuguesa. Sua análise revela como a associação entre o “tornar negro” e o “negativo” foi naturalizada ao longo dos séculos. Etimologicamente, a palavra vem do latim *denigrare*, que significa “tornar negro” ou “escurecer”. No uso cotidiano, é empregada com o sentido de manchar a reputação,

difamar ou tornar algo “sujo”.

Presente no vocabulário de pessoas de todas as classes sociais e níveis de instrução, o termo é frequentemente usado como sinônimo de aviltar. No entanto, ele carrega em sua raiz a ideia ofensiva de que a negritude é algo maldoso, que mancha uma reputação antes “limpa”. Por ser uma das expressões mais violentas e simbólicas da nossa língua, precisa ser urgentemente abolida. Em seu lugar, podemos utilizar verbos mais precisos, como injuriar, macular, rebaixar ou desacreditar.

Referências Bibliográficas

ESCREVIVÊNCIA

REFERÊNCIAS

- EVARISTO, CONCEIÇÃO. “DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE, UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA”. IN: ALEXANDRE, MARCOS ANTÔNIO (ORG.). REPRESENTAÇÕES PERFORMÁTICAS BRASILEIRAS: TEORIAS, PRÁTICAS E SUAS INTERFACES. BELO HORIZONTE: MAZZA, 2007. P. 16-21.
- OBRAS LITERÁRIAS (A ESCRIVIVÊNCIA NA PRÁTICA). LIVROS DE CONCEIÇÃO EVARISTO QUE SÃO EXEMPLOS CLÁSSICOS DA ESTÉTICA DA ESCRIVIVÊNCIA: BECOS DA MEMÓRIA (ROMANCE). PUBLICADO EM BELO HORIZONTE, PELA MAZZA EDIÇÕES, EM 2006. OBRA-CHAVE ONDE A AUTORA FICIONALIZA MEMÓRIAS DA FAVELA ONDE CRESCER, MISTURANDO “EU” E “NÓS”. PONCIÁ VICÊNCIO (ROMANCE). PUBLICADO EM BELO HORIZONTE, PELA MAZZA EDIÇÕES, EM 2003. INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES (CONTOS). PUBLICADO NO RIO DE JANEIRO, PELA EDITORA MALÊ, EM 2016. OLHOS D’ÁGUA (CONTOS). RIO DE JANEIRO: PALLAS, 2014.

SULEAR

REFERÊNCIAS

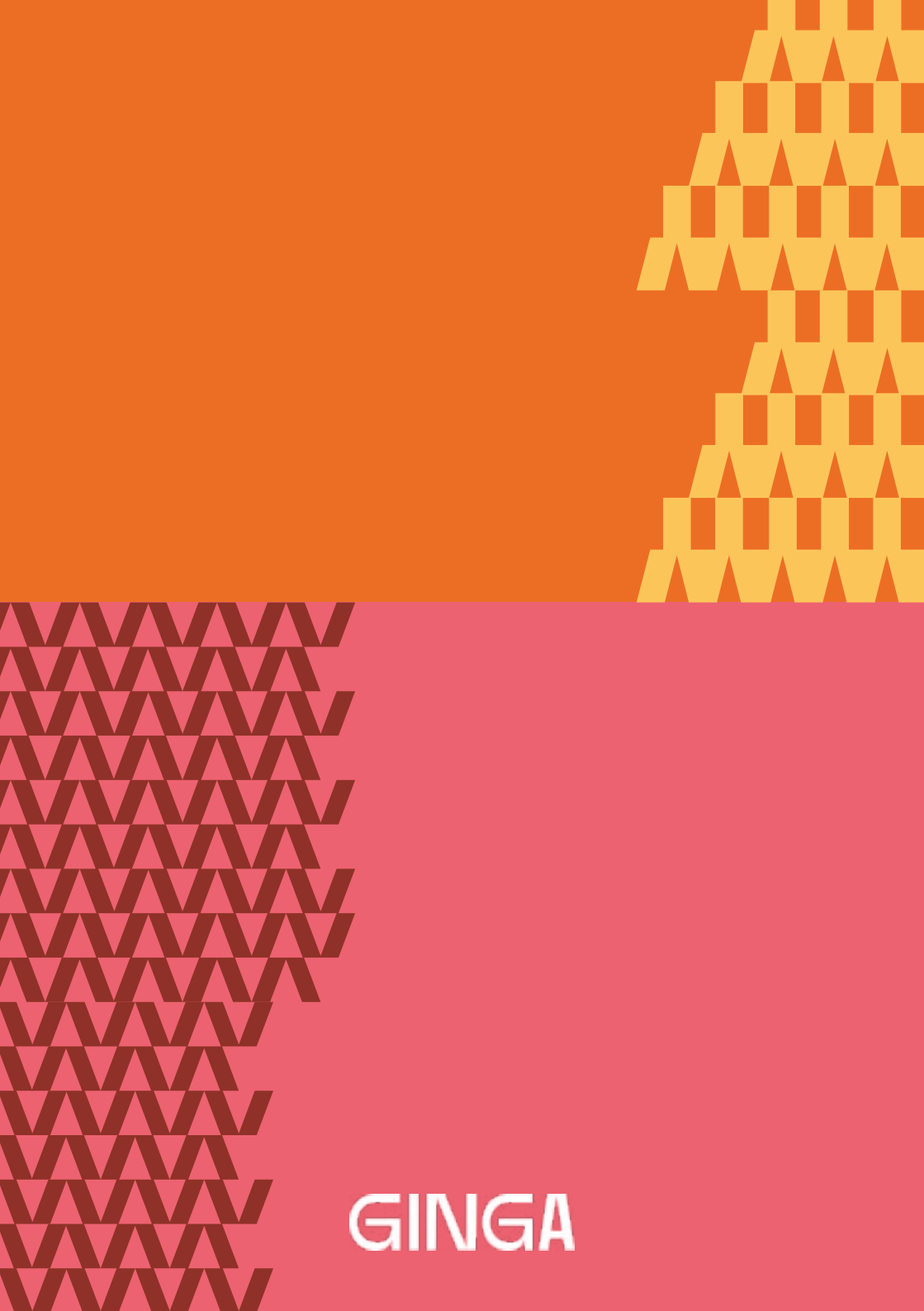
- CAMPOS, MÁRCIO D’OLNE. A ARTE DE SULEAR-SE. IN: SCHEINER, T. C. (COORD.). INTERAÇÃO MUSEU-COMUNIDADE PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL. RIO DE JANEIRO: TACNET CULTURAL; UNI-RIO, 1991. P. 56-91.
- FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: UM REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1992.

PROTAGONISMO NEGRO

REFERÊNCIAS

- RAMOS, ALBERTO GUERREIRO. INTRODUÇÃO CRÍTICA À SOCIOLOGIA BRASILEIRA. RIO DE JANEIRO: UFRJ, 1995 (ORIGINAL DE 1957).
- NASCIMENTO, ABDIAS DO. O QUILOMBISMO: DOCUMENTOS DE UMA MILITÂNCIA PAN-AFRICANISTA. RIO DE JANEIRO: VOZES, 1980.
- GONZALEZ, LÉLIA. POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO-AMERICANO. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2020. (COLETÂNEA ORGANIZADA POR FLAVIA RIOS E MÁRCIA LIMA).





GINGA